

O BELO EM SCHOPENHAUER

Luiz Diego Barbosa Nunes¹

RESUMO: A presente pesquisa abordará a importância filosófica do belo, a partir da filosofia de Arthur Schopenhauer (1788–1860), na obra *O Mundo como Vontade e como Representação* (1819). Nesta obra, aparecem os conceitos de “Vontade” e “gênio”, e a hierarquia das artes é apresentada. A música é completamente separada de todas as outras artes, e assume um papel de extrema relevância na filosofia de Schopenhauer, pois comunica imediatamente a essência universal do mundo. Se em Schopenhauer é onde se encontra a noção pessimista do mundo, é na arte que se torna possível um conhecimento nítido e livre do princípio de razão.

PALAVRAS-CHAVE: Gênio; Vontade; Representação; Arte; Metafísica do belo.

ABSTRACT: The present research will address the philosophical importance of the beautiful, from the philosophy of Arthur Schopenhauer (1788-1860), in the work *The World as Will and Representation* (1819). In this work, the concepts of "Will" and "genius" appear, and the hierarchy of the arts is presented. Music is completely separated from all other arts, and assumes a role of extreme relevance in Schopenhauer's philosophy, for it immediately communicates the universal essence of the world. If in Schopenhauer is where the pessimistic notion of the world is found, it is in art that a clear and free knowledge of the principle of reason becomes possible.

KEYWORDS: Genius; Will; Representation; Art; Metaphysics of the beautiful.

INTRODUÇÃO

A metafísica do belo é uma das partes que compõe *O mundo como vontade e como representação*², E pela importância que é dada na obra, encontra-se em um ponto alto do seu pensamento, e, por isso, podemos dizer, trata-se de uma parte importante da filosofia de

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará UECE; Linha de pesquisa: Ética e Estética; E-mail: diegoevernight@gmail.com

² Doravante apenas *O mundo*.

Schopenhauer, pois, segundo ele, é o caminho mais assegurado para se compreender a essência do mundo, pois apresenta uma realidade para além do fenômeno que aparece aos olhos do sujeito.

Deste modo, a arte, na metafísica do belo, proporciona um alívio para o estado do sofrimento, pois, para Schopenhauer, a contemplação estética do belo constitui uma forma privilegiada de conhecimento, o conhecimento das *Ideias*³. E se pensarmos no campo da arte em Schopenhauer, veremos que ele a define como “exposição de Ideias”, que em outras palavras pode ser dito do *modo* de consideração das coisas como independente do princípio de razão⁴.

1. A REPRESENTAÇÃO EM GERAL

“O mundo é minha representação”. Esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica.⁵

Como é possível a partir dos dados imediatos da experiência alcançar a compreensão do em si do mundo se, neste caso, ele é mera representação? De acordo com o pensamento schopenhaueriano, considerar o mundo somente como representação, é unilateral, resultado de uma abstração. Esse mundo como representação (*Vostellung*) é composto de duas metades necessárias e inseparáveis: o *sujeito*⁶ e o *objeto*⁷, isso significa que o mundo existe como um objeto em relação a um sujeito, ou seja, como um sujeito que pressupõe o objeto. E também, o sujeito e o objeto consistem como duas metades essenciais e inseparáveis que formam a representação, de tal forma que “(...) cada uma delas possui significação e existência apenas por e para a outra, cada uma existe com a outra e desaparece com ela”⁸. Nesse pensamento, o filósofo nos conduz a uma experiência em primeira instância do conhecimento do mundo, a condição empírica do conhecimento, aquilo que ele denomina de *princípio de razão*, pelo qual conhecemos o mundo a partir do tempo, espaço e da causalidade, as três formas da representação. Tempo, o espaço e a

³ São formas atemporais, imutáveis e permanente, e também anteriores ao princípio de razão. Além do mais, Schopenhauer deixa entendido a noção de Ideia como significação originária e autêntica estabelecida por Platão (SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, p. 191).

⁴ Em uma nota, Jair Barboza esclarece: “o princípio de razão – *nihil est sine ratione cur postus sit, quam non sit*, ‘(...) nada é sem uma razão pela qual é’, e que se aplica à totalidade dos fenômenos, possui, segundo Schopenhauer, quatro raízes. Daí o tema da tese de seu doutorado: *Sobre a quádrupla raiz do princípio de razão suficiente*. As suas raízes são: I ‘princípio de razão de devir’: a ele está submetida às representações da realidade, isto é, da experiência possível; II ‘princípio de razão do conhecer’: a ele estão submetidas às representações de representações, isto é, os conceitos; III ‘princípio de razão de ser’ (aqui mencionado): a ele estão submetidas à parte formal das representações, isto é, as intuições das formas do sentido externo e interno dadas a *priori*, o espaço e o tempo; IV ‘princípio de razão de agir’: a ele está submetido o sujeito do querer, isto é, o seu agir conforme a lei de motivação” (SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, p. 48)

⁵ Ibidem. p. 43

⁶ “Aquele que tudo conhece, mas não é conhecido por ninguém, é o sujeito. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece de todo objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito. Cada um encontra-se a si mesmo como esse sujeito, todavia, somente na medida em que conhece, não na medida em que é objeto do conhecimento” (Ibidem. p. 45).

⁷ “O objeto, contudo, já é o seu corpo, que, desse ponto de vista, também denominamos representação. Pois o corpo é objeto entre objetos e está submetido à lei deles, embora não seja objeto imediato. Ele encontra-se, como todos os objetos da intuição, nas formas de todo conhecer, no tempo e no espaço, mediante os quais se dá a pluralidade” (Ibidem. p. 45).

⁸ Ibidem. p. 46

causalidade constituem as formas de todo objeto, que residem *a priori* na consciência do sujeito, e condicionam a experiência do indivíduo.

Trate-se de Maia, o véu da ilusão, que envolve os olhos dos mortais, deixando-lhes ver um mundo do qual não se pode falar que é nem que não é, pois assemelha-se ao sonho, ou ao reflexo do sol sobre a areia tomando a distância pelo andarilho como água, ou ao pedaço de corda no chão que ele toma como uma serpente.⁹

É diante desta metáfora do pensamento hindu que Schopenhauer nos faz emblematicamente considerar sua exposição sobre o mundo, é o nosso mundo: *plural, multifacetado e determinado*, que vem submetido ao *princípio de razão*. E nisso consiste toda a barreira do conhecimento do em si do mundo, ou seja, um obstáculo para a verdadeira realidade. No âmbito da representação submetida ao princípio de razão, ainda, diz-nos Schopenhauer, acerca do espaço, do tempo e da matéria:

No mero espaço o mundo seria rígido e imóvel: nenhuma sucessão, nenhuma mudança, nenhum fazer-efeito; com a supressão do fazer-efeito também seria suprimida a representação da matéria. No mero tempo, por sua vez, tudo seria fugidio: nenhuma permanência, nenhuma coexistência e, por conseguinte, nada de simultâneo, portanto nenhuma duração; logo, também nenhuma matéria. Apenas pela união de tempo e espaço surge à matéria, vale dizer, a possibilidade da simultaneidade e, com isso, duração; mediante esta, a permanência da substância a despeito da mudança de seus estados.¹⁰

Tempo e espaço consiste em ter ação sobre a matéria¹¹, ou seja, na causalidade, isso se dá porque de fato a matéria reside no fazer-efeito¹². Desse modo, Schopenhauer afirma que "(...) o ser da matéria tem como o fazer-efeito, e que nenhum outro ser lhe é pensável e possível"¹³

⁹ Ibidem. p. 49

¹⁰ Ibidem. p. 52

¹¹ Queremos chamar a atenção do leitor para uma breve observação: de fato, o pensamento de Schopenhauer pode ser facilmente ligado ao de Platão em determinados pontos, como o mesmo alude e como podemos identificar com demasiada facilidade em sua obra (principalmente nos Livros II e III de O Mundo), contudo, o leitor já introduzido na "história da filosofia ocidental" poderia facilmente ser levado a acreditar, equivocadamente, que Schopenhauer seria de certa forma, um opositor do primado da filosofia aristotélica. Contudo, no que é relativo ao conceito ambíguo de matéria em Schopenhauer (*Stoff/Materie*), o mesmo, segundo nossa interpretação, se aproxima bastante do pensamento de Aristóteles (ver BRANDÃO. *A Concepção de Matéria na Obra de Schopenhauer*, especificamente os capítulos I e II), mais do que o de Platão (principalmente no Livro I de O Mundo). Acerca do conceito de matéria e suas diferenciações segundo Schopenhauer, ver § 42, §73 e nota de rodapé 2, do §77 dos Parerga (presente em: SCHOPENHAUER. *Sobre a Filosofia e seu Método*) e também os Complementos aos livros I e II de O Mundo (presentes em: SCHOPENHAUER. *El mundo como Voluntad y representación*) e, como o próprio autor nos remete e indica: "A origem da representação da matéria em geral, como a portadora objetiva de todas as propriedades, embora destituída de toda propriedade, eu expus primeiramente em minha obra principal (v. 1, p. 9) e depois de modo mais claro e preciso na segunda edição de minha dissertação Sobre o princípio de razão, §21, p. 77, e a menciono aqui para que não se perca de vista essa teoria nova e essencial à minha filosofia" (SCHOPENHAUER. *Sobre a filosofia e seu método*, p. 153).

¹² O fazer-efeito tem como a consequência da ação de qualquer objeto material sobre um outro, e só é conhecido na medida em que este agora age diferentemente de antes sobre o objeto imediato, e consiste apenas nisso. Causa e efeito, portanto, são a essência inteira da matéria. Seu ser é seu fazer-efeito (SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 50).

¹³ Ibidem. p. 50

Portanto, esse fazer-efeito preenche o tempo e o espaço, que por fim tem uma ação no objeto imediato, ou seja, nele mesmo, na sua essência, que é a matéria.

O que o olho, o ouvido e a mão sentem não é intuição; são meros dados. Só quando o entendimento passa do efeito à causa é que o mundo aparece como intuição, estendido no espaço, alterando-se segundo a figura, permanecendo em todo o tempo segundo a matéria, pois o entendimento une espaço e tempo na representação da MATÉRIA, isto é, propriedade do fazer efeito.¹⁴

Schopenhauer não mais identifica o homem como um ser unicamente racional, que é movido pela razão, mas sim um ser movido pela Vontade, e por isso ele questiona o valor do conhecimento abstrato. A razão não é mais confiável, ela necessita dos conceitos para construir o conhecimento e conceitos não conseguem apreender a realidade de cada coisa em sua particularidade. Desta forma ele aponta a intuição como forma mais pura de conhecer a realidade objetiva. Ela é um conhecimento instantâneo e imediato desprovido de conceitos e de qualquer forma de julgamento:

Durante o tempo em que nos mantemos intuindo de modo puro, tudo é claro, firme, certo. Inexistem perguntas, dúvidas, erros. Não se quer ir além, não se pode ir além; sentimos calma no intuir, satisfação no presente. A intuição se basta a si mesma. Por conseguinte, tudo o que se origina puramente dela e a ela permanece fiel, como autêntica obra de arte, nunca pode ser falso ou contradito pelo tempo, pois lá não há opinião alguma, mas a coisa mesma. No entanto, junto com o conhecimento abstrato, com a razão, dúvida e erro entram em cena no domínio teórico, cuidado e remorso no prático.¹⁵

A intuição é o primeiro contato da mente com a coisa, ela representa a imagem da coisa na mente, sem nenhum julgamento. Nesse sentido, é desprovida de conceitos, pois esta imagem é capitada a partir do próprio objeto. Schopenhauer também afirma que: "(...) toda intuição não é somente sensual", mas para a sua concepção de filosofia é também intelectual, "isso nada mais é que o puro conhecimento do entendimento da causa a partir do efeito". Devido o conhecimento de causalidade depender da experiência, poderia sugerir que Schopenhauer cai em uma espécie de ceticismo de Hume, o que de fato Schopenhauer discordava. Nesse sentido, o que tem como característico na intuição é o fato do conhecimento da causa depender por completo do domínio *a posteriori*. Portanto, o princípio de razão que é concebido como princípio da cognição é *a priori* no sujeito, por isso:

A essência íntima do mundo, a coisa-em-si, que jamais pode ser encontrada pelo fio condutor do princípio de razão, mas tudo a que conduz é sempre dependente e relativo sempre no fenômeno, não coisa-em-si.¹⁶

Entretanto, a aplicação de tal princípio à coisa-em-si, restringindo seu uso para as formas de conhecer relativas ao mundo fenomênico, acaba por não oferecer alternativa para ultrapassar os fenômenos. Partindo desta, para chegar neste outro lado do mundo que é identificado pelo conceito de Vontade, ou a coisa-em-si, é necessário uma conexão entre a experiência externa e a interna. Assim, o ponto de partida do conhecimento metafísico se encontra nessa encruzilhada entre as experiências externa e interna que, segundo Schopenhauer, é o próprio corpo.

¹⁴ Ibidem. p. 54

¹⁵ Ibidem. p. 81

¹⁶ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 78

Porém, enquanto isto não é provado, não temos razão alguma para estancar a nós mesmos a mais rica de todas as fontes de conhecimento, a experiência interna e externa, e operar unicamente com formas vazias de conteúdo. Digo, por isso, que a solução do enigma do mundo tem de provir da compreensão do mundo mesmo; que, portanto, a tarefa da metafísica não é sobrevoar a experiência na qual o mundo existe, mas compreendê-la a partir de seu fundamento, na medida em que a experiência, externa e interna, é certamente a fonte principal de todo conhecimento; que, em consequência, a solução do enigma do mundo só é possível através da conexão adequada, e executada no ponto certo, entre experiência externa e interna, e pela ligação, por aí efetuada, dessas duas fontes tão heterogêneas de conhecimento.¹⁷

Desta sorte, é interessante que entre em cena a Vontade: a Vontade é um conceito central para compreender a filosofia schopenhaueriana, podendo dizer que a Vontade é uma mola propulsora da existência no mundo. A Vontade é, contudo, insaciável, logo, a fonte de todo sofrimento¹⁸. A Vontade é aquilo que Kant denominou como coisa-em-si, completamente independente de seus fenômenos, é livre das formas da representação.

As formas referentes ao par sujeito-objeto são a sua própria objetividade, portanto fenômenos da coisa-em-si. Assim, Schopenhauer afirma que somente no tempo e espaço aquilo que é uno é conhecido como múltiplo para o indivíduo. A Vontade mesma é sem razão, ou seja, a ela não cabe nenhum "por que", nenhuma causa, pois a ela é totalmente desprovida de fundamento, "um abismo"¹⁹. Nessa perspectiva, os dados sensoriais são fornecidos pela mediação do corpo, no que consiste a realidade empírica do sujeito.

Ao encontrar no corpo o lugar propício para a elaboração do conhecimento metafísico, Schopenhauer "(...) introduz modulações até então impensáveis no pós-kantismo, mediante um forte acento fisiológico de seu pensamento"²⁰. O corpo, portanto, é conhecido pelo sujeito do conhecimento de duas maneiras totalmente características, uma na representação intuitiva do entendimento, e outra na qual ele é conhecido imediatamente e independente do princípio de razão, isto é, como vontade. Neste sentido, Schopenhauer afirma que "(...) a vontade é o conhecimento *a priori* do corpo, e o corpo é o conhecimento *a posteriori* da vontade"²¹.

Pode-se dizer que a filosofia de Schopenhauer em *O mundo* trata nos dois primeiros livros do conhecimento da representação e da vontade submetidos ao princípio de razão, e nos dois últimos livros (estética e ética) da representação e da Vontade do ponto de vista desatado do referido princípio. Nesse sentido, assim como o mundo, o corpo também pode ser interpretado como representação e Vontade, como representação ele é regido pelas leis do princípio de razão suficiente que regem todos os objetos fenomênicos. Por outro lado, corpo pode ser visto como o lugar no qual a Vontade enquanto essência pode se expressar, podendo ser conhecida através de suas ações. A chave para a conexão entre ética e metafísica é justamente o corpo que possui um duplo estatuto,

¹⁷ Ibidem. p. 538

¹⁸ Para Schopenhauer os homens são manipulados como fios de marionetes, nesse sentido, esses fios invisíveis ele o chama de Vontade, uma força incontornável que segundo Schopenhauer move o mundo. Desse modo, o homem está sujeito a essa força cega e universal da Vontade, pois, é um querer irracional e inconsciente, sem ordem nem objetivo, que domina e transforma o mundo num absurdo cruel e doloroso (ARAMAYO. *Para leer a schopenhauer*. p. 118).

¹⁹ BARBOZA. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*, p. 51.

²⁰ Ibidem. p. 103

²¹ Schopenhauer, A. *O mundo como vontade e como representação*, p. 156

ora sendo considerado como objeto entre objetos, ora sendo objetividade da vontade, tornando possível esse traslado. Vale lembrar que o corpo é o ponto central de Schopenhauer, e o investigador filosófico não é, segundo ele, uma:

(...) cabeça de anjo alada destituída de corpo. Contudo, ele [o investigador] mesmo se enraíza neste mundo, encontra-se nele como INDIVÍDUO, isto é, seu conhecimento, sustentáculo condicionante do mundo inteiro como representação, é no todo intermediado por um corpo, cujas afecções, como se mostrou, são para o entendimento o ponto de partida da intuição do mundo.²²

A coisa-em-si kantiana é a Vontade, mas a Vontade, para Schopenhauer, está no mundo, ela é imanente. Assim, a Vontade se origina na experiência interna e externa, tendo como “ponto certo” o corpo²³. Nesse sentido, como fonte de conhecimento, o corpo mostra a especificidade da teoria do conhecimento schopenhaueriana, uma vez que, segundo ele, apesar do nosso corpo ser para nós objeto da percepção e do pensamento, existe outra relação mais íntima que mantemos com ele, através de nossas ações e movimentos. Nesse sentido, a experiência de mundo nos revela algo diferente, algo que está na raiz de nossa existência interior, que nos impulsiona a desejar e a agir em busca de satisfação incessantemente. Esse aspecto desiderativo é a Vontade, que está presente em todos os entes da natureza.

Mas como seria um conhecimento que não mais fosse sugestionado por uma malha relativa ao véu, experiência do conhecimento empírico descrito no começo do livro I de *O mundo*? Para Schopenhauer, através da apreensão do belo na natureza e na arte se daria a resposta de tal enigma, eis a contemplação estética.

2 A HIERARQUIA DAS ARTES EM SCHOPENHAUER

Schopenhauer considera que a experiência com a arte acompanha o conhecimento de Ideias, graus de objetivação da Vontade, são as “objetividades” mais adequadas da Vontade²⁴. Esse âmbito possibilitaria pensar em uma ontologia na sua filosofia, se fizermos o comparativo às Ideias de Platão, pois elas são o próprio ser das coisas, mas, para Schopenhauer, ainda não a Vontade em si. Para Schopenhauer, inspirado pela filosofia platônica, as artes expõem Ideias, no sentido em que representam a realidade em meio à pluralidade. Resulta dessa experiência um conhecimento puro, isto é, um conhecimento seguro das Ideias, resultante da contemplação estética e artística.

Na concepção metafísica do belo, a contemplação estética é um consolo para o sofrimento, pois destitui momentaneamente o indivíduo da vontade individual e, portanto, da escravidão de seus desejos e afetos. Desse modo, na contemplação da arte o homem passa do estado de ator para o de expectador, esse não age mais no mundo, segundo Schopenhauer, mas apenas o contempla. Nesse sentido, Schopenhauer constrói a hierarquia das artes na metafísica do belo com base no

²² Ibidem. p. 156

²³ Ibidem. p. 538

²⁴ SCHOPENHAUER, *O mundo como vontade e como representação*, p. 247

critério de exposição das Ideias. Também é tema de sua metafísica do belo o sublime, tema da filosofia kantiana. Em Kant, o que difere fundamentalmente o belo do sublime é a ideia de infinito, pois Kant vê a presença suprassensível na base do juízo de gosto, ou seja, um juízo estético que aproxima bastante do em si, embora não o positivo.

Diferentemente de Kant, para Schopenhauer a arte é uma forma privilegiada de conhecimento intuitivo do mundo, pois arranca o objeto das relações e o torna um representante do todo, em outras palavras, retira o objeto de contemplação do curso do mundo e o isola diante do sujeito, que agora se torna um puro sujeito do conhecimento.

Na filosofia schopenhaueriana, além das artes das quais o filósofo estabelece uma hierarquia, arquitetura, escultura, pintura e poesia, há também a música, que está fora dela, pois se encontra por inteiro separada em relação às demais artes, enquanto linguagem universal e imediata da vontade como coisa em si. Na escultura, o artista tem o intuito de mostrar a simetria das partes da figura esculpida, desta forma, ela age na imitação da natureza a partir de seu modo primordial, transformando em beleza esculpida, dando a ela um sentido novo. Entretanto, contemplado e contemplador, ambos, podem gozar de uma mesma beleza da qual a Vontade se apresenta.

Na poesia, são revelados para o homem os sentimentos independentes do tempo em que lhe é apresentado. Não existe um tempo limite para as emoções sentidas pelo o artista ou contemplador, ou seja, independe do tempo em que as obras poéticas serão observadas, terão a mesma emoção e poderão ser vividas nas mesmas circunstâncias da obra quando produzida. A poesia é a representação da humanidade, e ela se divide entre a tragédia e a comédia. A comédia mostra os sofrimentos humanos como algo momentâneo, e nos coloca a viver no animado. Por fim, apesar da dor e sofrimento, tudo termina na alegria, com sucesso. No entanto, em contraponto, existe a tragédia, que é retratada como a dor e a angústia. A tragédia procura observar cada vez mais intensamente tudo o que é falho e imperfeito, e como a humanidade caminha cada vez mais para a miséria. A arquitetura lida com as ideias naturais dos elementos tais como: luz, gravidade, resistência. E nesse sentido, ela é à base da pirâmide da hierarquia. Deste modo, a arquitetura vai evocar no homem uma busca cada vez mais intensa de se entender a luta entre a gravidade e a rigidez, proporcionando assim a relação entre os contrários e a sutileza dos detalhes feitos com materiais de grande rigidez. Schopenhauer fez inúmeras viagens em sua juventude, e nesse período observou muito da qual notou a importância dos mais variados tipos de climas, e as variações de luzes específicas nos contornos das construções. Também percebeu a variação das temperaturas dentro das construções arquitetônicas e seus extremos entre os lugares mais frios e lugares com a ambiência menos gélida. Portanto, na contemplação da bela arquitetura, saímos do mundo temporal, em que desaparece a pluralidade, e a unidade cósmica é restabelecida.

A pintura, para Schopenhauer, é algo particular, é como um processo histórico que é contado a partir da representação artística que ali expõe. Assim, fica a maneira de expressão da demonstração de espaço, tempo, sociedade e história, ou seja, pode-se chegar a compreender os costumes, pensamentos e muito do que viveu certo povo em certa época. A pintura expressa profundamente à ideia de humanidade, e a partir daí que se desdobram suas ações. Nesse sentido, é a partir da representação pictórica que a humanidade pode ser conhecida de forma mais

adequada, e é exatamente aí em que reside a perfeição da pintura, a qual traduz de maneira mais explícita a essência da vida.

A música, o ponto crucial da metafísica do belo, é para Schopenhauer a principal expressão artística, a mais profunda objetivação da Vontade na arte. Esta é uma arte isolada das outras, não é cópia ou mera reprodução de algo, ela desperta no homem sua mais profunda essência. Ela é uma "linguagem universal"²⁵, comum a todos, que se apresenta de modo tão claro e distinto a ponto de todos compreenderem imediatamente, sem representação, além da própria intuição. Dessa maneira, a música vai direto à essência, fala da coisa em si, o que leva a uma perfeita conexão harmônica cósmica, expressa na tensão entre alegria e solidão.

É importante salientar que a música traz a verdadeira inspiração, tendo o compositor como aquele que revela toda uma sabedoria mais profunda, com a essência do mundo e do homem, em uma sintonia íntima entre contemplador, artista e arte, completamente livre de qualquer intencionalidade consciente. Nesse sentido, não há outra arte que comova mais diretamente, mais profundamente, porque também não há outra que revele mais diretamente e mais profundamente a verdadeira natureza do mundo.

Portanto, a música é uma linguagem íntima, uma linguagem que expressa o ser íntimo, porque, em sua universalidade, expõe a profundidade do sentimento. Deste modo, a música não é como todas as outras artes, uma manifestação das Ideias ou graus de objetivação da vontade, mas da própria Vontade. A música fala do núcleo metafísico do mundo de forma imediata, ela esclarece o enigma do mundo. Pois a música não representa o sentimento fenomenal, mas um sentimento puro, pelo o qual exprime emoções da própria Vontade.

3 UM BREVE RELATO ESTÉTICO DE SCHOPENHAUER

Em meio ao caos e o sofrimento da vida, Schopenhauer nos apresenta sua metafísica do belo e a contemplação estética, que resulta no fio de esperança, em meio às determinações da existência. O conhecimento estético provém de uma *intuição estética*, e a genialidade²⁶ é a aptidão do indivíduo genial para manter-se em estado de intuição pura, abstraindo-se do princípio de razão, isto é, espaço, tempo e causalidade. Além disso, o gênio é a capacidade em livrar-se das motivações e do domínio da Vontade sobre o conhecimento. Portanto, a genialidade é a realização de um conhecimento puro, e para o gênio é essencial a sua imaginação, elemento que é indispensável ao gênio sendo a arte um conhecimento intuitivo das ideias. Nessa perspectiva, com a genialidade o artista empresta os olhos para a humanidade.

²⁵ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 344

²⁶ Na exposição da filosofia de Schopenhauer, o "gênio" consiste na capacidade de conhecer independente do princípio de razão, isto é, o conhecimento das suas ideias.

O artista nos permite olhar para o mundo mediante os seus olhos. Que ele possua tais olhos a desvelar-lhe o essencial das coisas, independentemente de suas relações, eis aí precisamente o dom do gênio, o que lhe é inato.²⁷

A função da imaginação nesse processo é permitir que o gênio não permaneça restrito à ideia dos objetos que lhe são efetivamente presentes e estenda seu horizonte para além da experiência pessoal, as imagens de que a vida pode oferecer. O gênio então consiste em uma ação livre do intelecto, liberto do serviço da vontade através de uma *intuição pura*, permitindo que o gênio atinja um alto grau de objetividade e, assim, possa conhecer a essência das coisas, ainda que momentaneamente. Por isso, a experiência com a arte é privilegiada em Schopenhauer, bem como a figura do artista no mundo. Apesar disso, Schopenhauer afirma que mesmo os homens que não são gênios têm a capacidade de contemplar a natureza e as obras de arte que são produções do gênio. O indivíduo comum e o gênio, ambos, possuem essa capacidade, da contemplação, e recebem as mesmas impressões do mundo externo, todavia em graus distintos²⁸. O indivíduo genial é dotado de um excedente da faculdade de conhecimento²⁹. Segundo Schopenhauer, esse excedente da faculdade de conhecer pode tomar duas orientações, excludentes entre si: a orientação objetiva, quando ele se torna livre da servidão da vontade, ou a orientação subjetiva, ocasião em que o excedente se coloca a serviço da vontade individual.

Segundo Schopenhauer, ver o universal no particular é precisamente a característica do gênio. Por ter a capacidade de conhecimento elevado, o gênio possui a vantagem do estado de contemplação, nos momentos de inspiração em que produz suas obras.

Sendo assim, o gênio consegue se sobressair de melhor forma em relação ao querer, e, assim, ter certa vantagem sobre os demais seres, pois, mesmo que em alguns momentos, ele se encontra livre da vontade e do sofrimento, enquanto os outros ainda estão submissos ao querer. Lembrando que a genialidade, para Schopenhauer, é uma capacidade, e não coincide exatamente com o artista. Além disso, se a faculdade do conhecimento representa para o gênio, por um lado, uma vantagem, pois livra momentaneamente da vontade e do sofrimento, por outro pode ocorrer uma desvantagem, na medida em que torna excessivamente afetado pela Vontade, ou seja, afetado diretamente em sua sensibilidade, o que torna a vida do homem genial extremada, diferente dos homens comuns³⁰.

De fato, ocorre que o gênio sofre mais do que os homens comuns, já que o mesmo está preso à sua individualidade e ao seu querer, mas o que ele quer não é o mesmo dos demais indivíduos. Imediatamente após o estado de contemplação, o gênio cai novamente às condições do conhecimento submetido ao princípio de razão.

²⁷ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 265.

²⁸ BARBOZA. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*, p.68.

²⁹ "Para tornar concebível a possibilidade do gênio, e, justamente pela compreensão de sua possibilidade, também entender melhor sua essência, temos de pensar na seguinte maneira: para que o gênio apareça num indivíduo, a este tem de caber uma medida das faculdades de conhecimento que ultrapassa em muita aquela exigida para o serviço de uma vontade individual; tal excedente de conhecimento torna-se livre (da servidão da vontade), permanecendo, por consequência, como puro sujeito do conhecimento, espelho límpido da essência do mundo" (BARBOZA. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*, p. 62).

³⁰ BARBOZA. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*, p. 63.

CONCLUSÃO

Por fim, para Schopenhauer, o homem comum e o gênio têm modos distintos de conhecimento e consideração das coisas. Por um lado, o gênio possui o modo de ver o mundo mais belo e claro, pois a representação é mais pura e livre do interesse da vontade. Segundo Schopenhauer, a negação que o gênio opera em relação ao princípio de razão faz que cada movimento se torne afeto, excedendo as medidas. A racionalidade se opõe à genialidade, mas, pelo contrário, se reconhece a importância da *fantasia* como componente da genialidade, ainda que não se possa cair no erro de achar que as duas são as mesmas coisas, genialidade e fantasia.

Assim, a essência do gênio vem da sua capacidade de apreender nos objetos a sua ideia correspondente, em uma contemplação puramente objetiva, na qual todas as relações das coisas com a própria Vontade somem da consciência. Com isso, podemos dizer que o gênio é a capacidade mais perfeita do espírito de intuir de forma pura e abandonar as formas do conhecimento da vontade e do seu querer, desfazendo-se de sua personalidade própria, como puro sujeito que conhece um olho cósmico³¹.

Schopenhauer pensa a contemplação estética completamente desinteressada e objetiva, no sentido de não submetida ao querer, à vontade. A vontade fica a serviço da representação porque, liberto do princípio de razão, o artista vê o geral no particular. Pela contemplação desinteressada das ideias, o sujeito se eleva ao estado de puro sujeito do conhecimento, se desinteressa do mundo como vontade e como representação, atingindo uma libertação metafísica e ontológica. Schopenhauer, em sua concepção ontológica ou metafísica da arte, não estabelece uma distinção importante entre o conhecimento artístico e a criação da obra de arte do ponto de vista do gênio³². Para Schopenhauer, a obra de arte está subordinada à contemplação artística. Assim, sua teoria do gênio engloba tanto o conhecimento puro quanto a produção, à criação artística.

Essa característica é, de fato, o que diferencia o gênio do homem comum, este não tem a consideração da capacidade propriamente dita dos sentidos de modo duradouro. É por isso que o homem comum não tem a capacidade de duração na intuição, e, logo, não prende o olhar por muito tempo no objeto. Segundo Schopenhauer, é como o homem preguiçoso, que se dá por satisfeito e nada mais vêm ao seu interesse. Já o homem genial, ao contrário, é dotado da faculdade do conhecimento que nega o serviço da vontade individual, se detém na consideração da vida mesma³³.

A genialidade é a aptidão para manter na intuição pura, abstraindo-se do princípio de razão, isto é, do espaço, do tempo e da causalidade, fazendo, portanto, abstração das coisas particulares. Mas é também a capacidade da intuição intelectual de se livrar das motivações da vontade, de se

³¹ SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*, p. 254.

³² *Ibidem*. p. 349.

³³ *Ibidem*. p. 67

emancipar do domínio da vontade sobre o conhecimento. A genialidade é a realização de um conhecimento puro e o gênio é essencial com a imaginação, elemento indispensável ao gênio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAMAYO, Roberto. *Para leer a schopenhauer*. Madrid: Aliança Editorial, 2001, p. 118.
- BARBOZA, Jair. *A metafísica do belo de Arthur Schopenhauer*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- _____. *Infinitude subjetiva e estética: natureza e arte em Schelling e Schopenhauer*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- _____. *Schopenhauer: A decifração do Enigma do mundo*. Coleção Logos. São Paulo: Moderna, 1997.
- BRANDÃO, Eduardo. *A Concepção de Matéria na Obra de Schopenhauer*. Editora Humanitas, São Paulo – SP, 2008.
- SCHOPENHAUER, Arhur. *El mundo como Volutad y representación, Tomo II*. Traducción Pillar López de Santa María. Editorial Trotta, Madrid, 2005.
- _____. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução: Jair Barboza, São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- _____. *Parerga y Paralipomena I, II e III Escritos Filosóficos Menores*. Málaga: Ágora, 1997.
- SCHOPENHAUER. *Sobre a Filosofia e seu Método*. Trad. Flamarion C. Ramos. Editora Hedra, 2010. São Paulo – SP.